



O LUGAR DA MULHER ATENIENSE: ENTRE O OIKOS E A POLIS

Lisiana Lawson Terra da Silva¹

Jussemar Weiss Gonçalves²

Resumo:

Nosso trabalho trata de uma análise sobre as formas de compreensão de dois autores gregos, atenienses do século IV A.C., que produziram obras nas quais a preocupação com o lugar da mulher, como também a própria concepção do feminino, aparecem de forma clara. São eles Xenofonte e Demóstenes. Para Xenofonte a obra central sobre este tema é ECONOMICO, e para Demóstenes são as orações intituladas de “Privadas”, Orações XLI à LIX. Nossa preocupação foi além de uma análise comparativa entre os autores, já que eles tratam de um mesmo tempo, mas a partir de situações sociopolíticas diferentes, mostrar que a concepção que eles elaboram revela a própria situação da mulher nesta sociedade, isto é, suas obras marcam, cristalizam um certo lugar que o feminino ocupava nesta época. A História Cultural mostra que se deve entender a cultura como pensamentos compartilhados e construídos pelos próprios homens para explicar suas realidades, ou seja, a cultura de determinada população pode ser estudada através das palavras, das coisas, das ações produzidas por essa mesma população. Nesse sentido nos interessa observar em Xenofonte a conduta que ele estipula para a mulher. Em estilo socrático, ele apresenta um manual que prescreve atitudes e ações para a mulher-esposa do cidadão proprietário. Em Demóstenes aparece um retrato das formas legais de tratamento da relação entre marido e esposa, entre pai e filha, entre mãe e filho homem quando o tema é a mulher viúva. A Pólis ateniense é o cenário das obras estudadas e revela práticas culturais pertencentes ao modo de vida isonômico ou aristocrático e a consequente posição de mulher-esposa-mãe dentro de cada um desses estilos de organização social.

Introdução

Este artigo trata de uma análise sobre as formas de compreensão de dois autores gregos, atenienses do século IV³, que produziram obras nas quais a preocupação com o lugar da mulher, como também a própria concepção do feminino, aparecem de forma clara. São eles Xenofonte e Demóstenes. Para Xenofonte a obra central sobre este tema é ECONOMICO, e para Demóstenes são as orações intituladas de “Privadas”, Orações XLI à LIX. Nesse sentido nos interessa observar em Xenofonte a conduta que ele estipula para a mulher. Em estilo

¹ Universidade Federal do Rio Grande.-FURG, bacharel em história – lisianalawson@yahoo.com.br . Este estudo é fruto do Grupo de Pesquisa Cultura e Política no Mundo Antigo coordenado pelo Prof. Dr. Jussemar Weiss Gonçalves. CURSO DE HISTORIA, ICHI, FURG.

² Universidade Federal do Rio Grande-FURG, Doutor e Líder do Grupo de Pesquisa Cultura e Política no Mundo Antigo – jussweiss@hotmail.com

³ Todas as datas são A.C.



socrático, ele apresenta um manual que prescreve atitudes e ações para a mulher-esposa do cidadão proprietário. Em Demóstenes aparece um retrato das formas legais de tratamento da relação entre marido e esposa, entre pai e filha, entre mãe e filho homem quando o tema é a mulher viúva.

Na Grécia do séc. V e IV os oradores, trágicos e filósofos escrevem sobre mulheres, sobre o lugar delas, o que fazem, quais os seus deveres. A palavra feminina é sempre mediada pelo homem, pois para além das aparências sociais existe para os gregos uma peculiaridade no pensamento do feminino e esta singularidade revela-se a partir do olhar masculino.

A história das mulheres pode ser considerada recente no campo histórico, é com o impulso da Escola dos Annales que são incluídas como objeto de pesquisa as práticas cotidianas e privadas. Mas se por um lado há uma escassez de informações acerca da vida dessas mulheres, por outro há uma abundância de imagens e discursos. “As mulheres são representadas antes de serem descritas ou narradas, muito antes de terem elas próprias a palavra” (DUBY, PERROT, 1990, p. 8). A História Cultural mostra que se deve entender a cultura como pensamentos compartilhados e construídos pelos próprios homens para explicar suas realidades, ou seja, a cultura de determinada população pode ser estudada através das palavras, das coisas, das ações produzidas por essa mesma população. Citando Chartier: “Toda reflexão metodológica enraíza-se, com efeito, numa prática histórica particular, num espaço de trabalho específico” Chartier (1991).

A pólis ateniense é o cenário das obras estudadas e revela práticas culturais pertencentes ao modo de vida isonômico ou aristocrático e a consequente posição de mulher-esposa-mãe dentro de cada um desses estilos de organização social.

Xenofonte e Demóstenes

Xenofonte nasceu entre os anos de 430 e 425 do século V no demo⁴ de Érquia, que pertencia à cidade de Atenas, filho de pais proprietários de terras, foi um homem que chegou à vida adulta durante o período de apogeu do poderio ateniense e de hegemonia de sua cultura. Mesmo sendo criado dentro de um novo contexto cultural, de um novo pensamento racional

⁴ Originariamente esta palavra significava um arraial ou vilarejo, mas a partir do século IV em Atenas, passou a ser uma circunscrição administrativa. MOSSÉ, Claude. **Dicionário da Civilização Grega**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p.87



que coloca o homem com cidadão que usufrui da isonomia⁵ na polis, Xenofonte tem um estilo de vida aristocrático, ligado ao mundo familiar, rural, destacando práticas agrícolas e militares em seus escritos. Foi contemporâneo de Sócrates e é, depois de Platão, o escritor do círculo socrático que mais deixou escritos. Suas obras mais significativas são: Ciropédia, Helênicas, Anábise, Elogio de Agesilau e o Econômico e segundo sua tradutora Anna Lia Amaral de Almeida Prado seus escritos podem ser divididos em três grupos: históricos. Pedagógico-éticos e técnicos e os socráticos.

As obras de Xenofonte tinham, claramente, objetivo educativo, tentando sempre ensinar ao leitor como portar-se em determinadas situações da vida e retratam um autor que deseja modificar sua cidade e para isso escolhe o caminho literário. (SILVA, 2013, p.19)

O Econômico é um lógos oikonomikós, um tratado, um manual de conduta sobre economia doméstica, que tem Sócrates como personagem principal e mais dois interlocutores, Critóbulo e Isômaco. Através desses diálogos Xenofonte ensina como deve ser o homem de bem grego, kalós kagathós⁶, e a arte de administrar o oikos⁷. Nesse sentido a passagem sobre a educação da esposa é um dos temas centrais da obra, colocando que assim como a polis necessita de bons governantes, o oikos também necessita de alguém que o administre da melhor maneira possível (SILVA, 2013). Assim como o homem tem suas atividades no âmbito público, a esposa deve ser responsável pelo âmbito privado, pela casa e tudo aquilo que esta palavra representa: servos, bens materiais e filhos.

Enquanto a polis é o âmbito do político e do público, oikos é o âmbito do privado, o espaço em que o indivíduo age como membro de uma família e, como tal, defende seus interesses particulares, tendo deveres a cumprir em relação aos membros de sua família, às suas tradições e também em relação aos seus bens. (XENOFONTE; PRADO, 1999, p. IX-X).

Enquanto Xenofonte relata um estilo de vida aristocrático, voltado para o oikos, Demóstenes, que foi um dos oradores áticos que mais deixou obras, relata experiências de cidadãos atenienses dentro do espaço público e privado. Ele nasceu em aproximadamente

⁵ Igualdade perante a lei para os cidadãos atenienses.

⁶ É o homem belo e bom grego, que abarca tanto qualidades físicas quanto morais.

⁷ Domínio aristocrático, são as terras, a casa, e todos aqueles que fazem parte deste domínio: parentes, servos, escravos... Na época clássica, esse sentido é mantido, mas o oikos passa a referir-se com mais frequência ao senhor, à sua esposa, às crianças e escravos. MOSSÉ, Claude. **Dicionário da Civilização Grega**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004



384, no século IV. Seu pai pertencia ao demo de Paeonian e era dono de duas oficinas onde haviam alguns escravos e eram produzidos armas e móveis. Foi um orador e defensor nos tribunais de Atenas, e mais tarde se tornou também um estadista. Deixou vários discursos políticos e defesas do tribunal compostos por casos particulares e casos políticos. Sua reputação como um dos melhores oradores da Grécia repousa sobre sua firmeza de propósito, sua sinceridade, sua argumentação clara e pungente, e seu controle severo da linguagem. Em seus casos particulares ele é o defensor e em seus discursos políticos o perseguidor, não de seus oponentes, mas de suas políticas. Demóstenes deixou, através de seus escritos, imagens vívidas da vida pública e privada de seu tempo. Na verdade poderíamos pensar que essa vida de orador em causas privadas, que diríamos hoje de direito familiar, pode ser uma consequência de sua relação com os tutores que, quando ao morrer seu pai assumiram a direção de sua herança e a dilapidaram. A fim de reaver seu patrimônio estudou retórica com Iseus, que era uma autoridade em casos de herança.

As Orações privadas de Demóstenes compõem um conjunto de dezoito discursos para litigantes desenvolvidas em sua maioria entre os anos de 363 e 354. Ele faz sua primeira aparição na assembleia aos vinte anos contra um de seus tutores, Aphobus, e a partir de então se dedica aos casos particulares onde se encontram disputas por herança e por dotes matrimoniais. Nesse sentido é desvelada a vida cotidiana dos cidadãos atenienses, através de testemunhas, depoimentos e leis transcritas em seus processos, junto a isso, a mulher aparece, mesmo que representada por um homem, em busca de seus direitos.

Demóstenes apresenta um retrato das formas legais de tratamento da relação entre marido e esposa, entre pai e filha, entre mãe e filho homem quando o tema é a mulher viúva. Seus discursos compõem excelentes fontes históricas para o estudo das relações sociais atenienses no século IV. A cidadania em Atenas era configurada por leis de matrimônio que regiam a vida social e política da polis, pois só era cidadão quem nascia de pai e mãe cidadãos, segundo as leis de Péricles.⁸ Com a pólis surge a necessidade de um controle e manipulação do parentesco (DUBY; PERROT, 1990).

Graças aos discursos dos oradores áticos, particularmente os de Iseu e de Demóstenes, o

⁸ “Nascido por volta de 495, Péricles é o homem que melhor simboliza a democracia ateniense e a grandeza de Atenas (...) ele fez sua entrada na vida política ateniense em 463 (...) De fato, os trinta anos durante os quais, Péricles dirigiu a cidade são também os mais brilhantes da história de Atenas” (MOSSÉ, 2004, p. 229-230)



dispositivo matrimonial dos Atenenses é bem conhecido e está bem estudado, tão bem conhecido e tão bem estudado que é, por vezes, considerado como o paradigma do casamento helênico na época clássica! (LEDUC, 1990, p. 320)

Portanto o casamento era a base da cidadania em Atenas no século V, era através dessa instituição que a mulher e o homem grego gozavam de seus direitos sociais e políticos na polis.

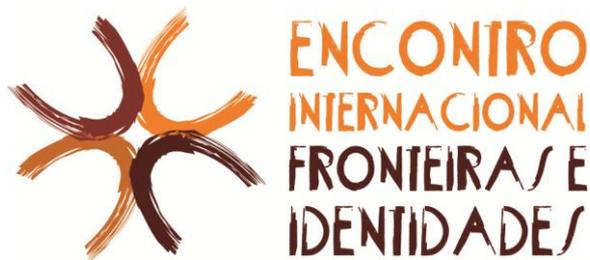
Tanto Xenofonte quanto Demóstenes tratam de um mesmo tempo, século IV, mas a partir de situações sociopolíticas diferentes. Enquanto Xenofonte mostra uma mulher dentro do oikos e da vida doméstica, Demóstenes, através de seus discursos, revela as peculiaridades do feminino e os problemas familiares do âmbito privado, mas que são tornados públicos nos tribunais. E, com isso ao tornar pública a mulher, ele lhe dá visibilidade. Portanto, eles elaboram uma concepção que revela a própria situação da mulher nesta sociedade, isto é, suas obras marcam, cristalizam, um certo lugar que o feminino ocupava nesta época.

A Mulher Ateniense

Apesar de ser um termo amplamente utilizado, o que é uma mulher ateniense? Segundo Nicole Loraux ela não existe, pois não existe uma palavra a designe, assim como para o homem ateniense, Athenaios.⁹ O que há são apenas mulheres de Atenas e elas só têm alguma visibilidade, na medida em que estão ligadas a um cidadão, ou pelos laços de parentesco ou pelo casamento. O que existe, portanto são mulheres de atenienses. O matrimônio é o fundamento da situação dessa mulher que é sempre filha, esposa e mãe de cidadão ateniense. Para ela não existe opção fora do casamento, não existe uma mulher solteira independente. Ela está sempre subordinada ao seu kyrios¹⁰. Embora não sendo cidadã, a cidade espera dela a realização de um trabalho, função, que é a de gerar cidadãos. Dessa forma a mulher não está fora da cidade, pois esta obrigação a coloca no coração da polis, no sentido em que sem mulheres não há cidade.

⁹ Ver mais sobre o tema no Capítulo The Athenian Name em: LORAUX, Nicole. **The Children of Athena:** Athenian ideas about citizenship & the division between the sexes. New Jersey: Princeton University Press, 1994, p. 111-143.

¹⁰ Pode ser traduzido por Senhor. Homem ao qual a mulher estava subordinada, era na maioria das vezes seu parente mais próximo, marido, pai, tio ou filho e era quem administrava seus bens. Era uma autoridade privada, que devia obediência.



La mujer ateniense ciertamente es una eterna menor, y esta minoría se refuerza con la necesidad que tiene de un tutor, un *kyrios*, durante toda su vida: primero su padre, después su esposo, y si este muere antes que Ella, su hijo, o su pariente más cercano en caso de ausencia de su hijo. (MOSSÉ, 1990, p. 55)

Embora alguns autores, como Demóstenes, utilizem o termo cidadã para designar essa mulher, Claude Mossé não considera conveniente, uma vez que cidadão era aquele que exercia uma função política na polis, participava das assembleias e dos tribunais e as mulheres estavam excluídas dessas práticas Mossé (1990). Os cidadãos atenienses, desde o chamado Decreto de Péricles em 451, eram aqueles que nasciam de pais cidadãos e as mulheres só podiam ser objeto de um contrato de casamento se fossem filhas de cidadãos, pois assim seus descendentes eram considerados legítimos. Na questão da cidadania feminina, Nicole Loraux também questiona o termo, uma vez que, segundo ela, um cidadão ateniense é aquele que descende de dois homens atenienses, seu pai e seu avô materno Loraux (1994).

Mas mesmo estando despossuída da prática da cidadania na polis a mulher ateniense tinha papel essencial na reprodução legítima dessa estrutura social da cidade como mãe de filhos cidadãos. Conseqüentemente, o casamento na cidade ateniense era estritamente controlado por leis, assim como a dádiva graciosa de mulheres (DUBY-PERROT, 1990). Uma mulher sempre é dada em casamento por seu *kyrios* a seu esposo juntamente com um dote.¹¹ “Note-se de imediato que no mundo grego a condição da mulher e a do seu séquito patrimonial nunca estão dissociadas, como se houvesse entre elas uma espécie de consubstancialidade original” (LEDUC, 1990, p. 278) Nesse sentido, a mulher ateniense existia apenas dentro do casamento e à sombra do seu *kyrios*.

O contrato de casamento faz da noiva uma mulher da comunidade cívica. Colocando-a sob a tutela de um cidadão, o dador certifica que ela nasceu de um pai e de uma mãe que pertencem ambos à comunidade cívica. O contrato de casamento de uma rapariga e a inscrição de um rapaz no registro do demo são, com efeito, actos que me parecem dever ser colocados no mesmo plano: trata-se, para os dois sexos, da sua integração na comunidade cívica. (LEDUC, 1990, p. 324)

Os discursos de Demóstenes nos tribunais mostram as peculiaridades das leis que

¹¹ Ver mais sobre o tema em: SCHAPS, David. **Economic Rights of Women in Ancient Greece**. Edinburgh: Acls Humanities E-books, 2012. (Kindle Edition)



regiam os casamentos e os dotes das mulheres dos atenienses e, por conseguinte retratam práticas sociais nas quais essas mulheres possuíam papel essencial. As orações chamadas de Privadas, como vimos, são ações de acusação contra cidadãos que não cumpriram com seus contratos e que sofrem nos tribunais as mais variadas queixas. Nesse sentido, através dos depoimentos das testemunhas e dos discursos de acusação a vida cotidiana dos atenienses vem à tona e, com ela, a vida doméstica das mulheres.

Contra Spudias, Oração XLI, por exemplo, é uma das dezoito orações privadas em que um cidadão reclama o dote de sua esposa. Dentro do processo é retratada a situação de mulheres que não possuem irmãos e sua situação jurídica a partir desse fato.

Polyeuctus, um ateniense, tinha dado as suas duas filhas em casamento, uma para o autor desta ação (cujo nome não é mencionado) e a outra a um certo Leocrates, irmão de sua própria esposa, a quem ele também adotou como seu filho, já que ele próprio não possuía filhos homens. (DEMOSTHENES, 1939, p.2)¹²

Já em outra oração, Contra Eubulides, Oração LVII, um cidadão contesta a decisão dos membros de seu demo que lhe negaram os direitos de cidadania e o reduziram ao status de estrangeiro. Como já foi dito a lei só reconhecia como cidadão os descendentes de atenienses de ambos os lados, pai e mãe. Nessa ação Euxitheus discursa defendendo-se da acusação dando provas de que seus pais estão na total possessão de seus direitos cívicos. Ele explica que seu pai foi acusado de estrangeiro por ter sotaque, mas isto se deve ao fato de ter sido feito prisioneiro no estrangeiro e que sua mãe foi forçada pela pobreza a trabalhar como enfermeira e vendedora.

Para mostrar que eu sou um ateniense em ambos os lados, da minha mãe do meu pai, trago testemunhas cuja veracidade vocês não irão questionar, para provar e contestar as calúnias e as acusações contra mim. (...) Eles maliciosamente afirmaram que meu pai falava com um sotaque estrangeiro. Mas isto se deve ao fato de que ele foi tomado como prisioneiro pelo inimigo no curso da guerra Deceleian e após, vendido como escravo (...). (DEMOSTHENES, 1939, p.243)

Mais adiante no discurso Demóstenes faz a defesa da mãe de Euxitheu e em uma

¹² As traduções das obras: DEMOSTHENES; MURRAY, A.T. (Org.). **Private Orations: XLI, XLIX.** London: Loeb Classical Library, 1939. 5 v. DEMOSTHENES; MURRAY, A.T. (Org.). **Private Orations L-LVIII In Neaeram LIX.** London: Loeb Classical Library, 1939. 6 v. são da autora.



passagem o interessante é que sua cidadania é contestada pelo seu comportamento que não seria digno de uma mulher de cidadão. “Ele afirma que a minha mãe é uma vendedora de fitas e que todo mundo já viu. Ele disse isso também sobre a minha mãe, que ela serviu como enfermeira” (DEMOSTHENES, 1939, p. 257) A mãe era questionada por ter uma vida por demais aos olhos de todos, isto é, pública, vendendo e atendendo pessoas. Sua vida estava em oposição ao que se esperava de uma mulher de cidadão. Assim o que se deduz dessa passagem sobre a mãe é que o que está em questão é a exposição pública de uma mulher “cidadã”.

O único momento em que a mulher grega estava autorizada a sair em público era nas festas religiosas onde sua presença era imprescindível. Festas como as Panatenaicas, as Tesmofórias ou as Dionisíacas eram, geralmente, compostas por procissões, sacrifícios, concursos e banquetes, inclusive as Tesmofórias eram exclusivas às mulheres de cidadãos. E, como diz a historiadora Marta Mega de Andrade: “Através dessas festas que pontuam a apresentação pública do feminino, as mulheres reclamam pelo reconhecimento de sua estreita relação com a polis, relação esta que garante a elas a *possibilidade* da cidadania”. (ANDRADE, 2001, p.135-136). Essa possibilidade de cidadania era no sentido de ser este o único momento em que era permitida às mulheres a participação cívica publicamente.

No Econômico de Xenofonte fica clara a ideia de que a esposa de um cidadão ateniense deve ser mantida sob estreito resguardo dentro de casa. “Para a mulher é mais belo ficar dentro de casa que permanecer fora dela e para o homem é mais feio ficar dentro de casa que cuidar do que está fora” (XENOFONTE; PRADO, 1999, p. 39). Nessa passagem o autor coloca na fala de seu personagem Iscômaco como sua esposa deve permanecer dentro do espaço privado e o homem deve exercer suas funções no espaço público. Ele ensina como sua mulher foi educada para ser a esposa ideal de um cidadão ateniense. “Ao chegar à minha casa, não tinha ainda quinze anos, e, antes disso, vivia sob muitos cuidados para que visse o mínimo, ouvisse o mínimo e falasse o mínimo” (XENOFONTE; PRADO, 1999, p. 34-35) Nunca esquecendo que Xenofonte retrata um tipo bem específico de mulher. Ela somente aparece pela fala de seu marido, não tem nome, e a finalidade é mostrar um estilo de vida aristocrático de uma esposa e mãe de cidadãos que tem a função de complementaridade dentro de casa. Ela tem como objetivo a administração de seu oikos, a gerência dos servos e escravos e a geração e educação de filhos.



Enquanto Xenofonte mostra uma esposa recatada, silenciosa e bem protegida dentro do oikos, Demóstenes revela os direitos que essas mesmas mulheres possuíam e que estavam amparadas pela cidade e por suas leis. Na Oração XLIII, Contra Macartatus que discorre sobre a disputa de uma herança, as mulheres da família em questão aparecem em várias situações, como viúvas, mães de cidadão e como filhas adotivas.

Mas, embora a mãe desse menino aqui tornou-se possuidora da herança, uma vez que ela tinha prevalecido no processo sobre todos aqueles que disputaram sua reivindicação, esses homens são abomináveis, como vocês veem, e imaginem que eles não precisem obedecer às leis nem as decisões de seus tribunais, mas eles estão tentando por bem ou por mal mais uma vez para tirar da senhora a herança que vocês concederam a ela. (DEMOSTHENES, 1939, p. 63)

Aqui, Demóstenes retrata a preocupação da cidade em zelar pelos direitos de propriedade seus cidadãos, e o que garante os direitos do menino, futuro cidadão, é a segurança da cidadania de seus pais. Sendo assim, pode-se dizer que a mulher mesmo estando despossuída de participação política na cidade desempenha um papel de igualdade com o homem quando a questão é a geração de cidadãos.

Já em Xenofonte, é a mesma mulher que está sendo retratada, mas de uma outra perspectiva, através da visão de seu marido e do que ele espera dela. O Econômico mostra como um cidadão ateniense deve educar sua esposa e por essa razão a esposa de Iscômaco não tem nome, porque não interessa que ela é, e sim as qualidades de seu marido que soube educá-la da melhor maneira possível.

4. “Mas é isso, Iscômaco, disse, que eu gostaria de saber”. Tu mesmo educaste tua mulher de modo que ela fosse tal qual deve ou a rebeste das mãos do pai e da mãe já sabendo cuidar das tarefas que lhe cabem?

5. “E o que saberia ela, disse, quando a tomei como esposa”? Ao chegar à minha casa, não tinha ainda quinze anos, e, antes disso, vivia sob muitos cuidados para que visse o mínimo.

6. “Não pensas que era bastante chegar sabendo apenas pegar os fios de lã e tecer uma túnica e já ter visto como os trabalhos de tear são distribuídos às servas? Quanto ao controle da alimentação, disse, veio muito bem ensinada, o que, tanto para o homem quanto para a mulher, penso eu, é uma questão do maior interesse.”

7. “Quanto ao resto, Iscômaco, disse eu, tu mesmo educastes tua mulher para que fosse capaz de cuidar das tarefas que lhe cabem”?

“Não, Por Zeus! Disse Iscômaco, não o fiz antes de oferecer sacrifícios e, com uma prece, pedir que eu, ensinando a ela, aprendendo, conseguíssemos o melhor para nós ambos.” (XENOFONTE;PRADO, 1999, p. 34-35)



Esse modelo específico de mulher descrito no Econômico é parte essencial na formação do homem belo e bom grego e Xenofonte coloca essa mulher na vida prática, dentro de um cotidiano. Essa é a finalidade da personagem que aparece pela fala de seu marido, mostrar um modelo prático dentro de um estilo de vida aristocrático de uma esposa e mãe de cidadãos.

Considerações Finais

Tanto Demóstenes quanto Xenofonte retratam a mesma mulher ateniense, a filha-esposa-mãe de cidadão ateniense da polis do século V, mas de perspectivas diferentes.

Xenofonte mostra uma mulher, recatada, silenciosa e voltada para vida doméstica e para a geração de filhos. Pertencente ao âmbito do particular, sem exposição pública. Já Demóstenes, através dos processos dos tribunais deixa entrever essa mesma mulher como possuidora de direitos, Seus discursos são um retrato da preocupação e o amparo que a cidade dispensa com aquela que desempenha uma função essencial na pólis democrática, que é a geração legítima de seus cidadãos.

Xenofonte não é o primeiro autor a tratar da separação dos papéis segundo os sexos. Desde a época arcaica se encontra tentativas de parecidas em Hesíodo. A repartição de espaço e de valores entre o domínio masculino e feminino feito por Hesíodo é uma maneira de pensar a diferença de sexos e não uma forma de descrever a realidade do convívio, das tarefas e dos papéis entre os dois sexos. O discurso do século IV não é outra coisa do que uma discussão sobre o mesmo tema. O texto de Xenofonte não é, apenas, um capítulo da vida cotidiana sobre a mulher no oikos e os homens na ágora, é também como a distribuição dos afazeres entre os sexos mudou em relação às construções anteriores. Xenofonte em seus esforços de classificação e de oposição entre os espaços e papéis masculino e feminino faz desaparecer a ideia que existe uma polaridade em cada sexo, uma ambivalência possível de cada sexo que a tragédia faz eco.

O texto de Xenofonte e seu interesse por uma oposição entre masculino e feminino, no âmbito das práticas, oikos- ágora, situa-se no interior de um movimento geral de redefinição dos domínios público e privado e o discurso de Iscômaco é uma tentativa de marcar os papéis



sexuais, as diferenças de sexos, questões importantes para a ordem privada na cidade.

A obra de Xenofonte constitui a maior parte dos trabalhos que tratam da mulher ateniense, a tal ponto que, às vezes, é tomada como uma descrição da condição da mulher ateniense, quando trata-se de uma construção com o fim de colocar ordem na cidade, a partir de um cenário de valorização do privado. O que fica claro neste texto e em outras passagens do texto de Xenofonte, é que a mulher não tem nome, nem filiação. Ele é anônima, sendo sempre chamada de mulher, esposa. Isto acontece de uma forma deliberada, já que havia nomes femininos no momento. Este anonimato coloca a mulher em um lugar inferior, já que ela é confrontada com homens que se comunicam a partir de seus nomes. Os homens aparecem em sua singularidade, são cidadãos, proprietários, em relação a uma mulher que representa uma multidão de mulheres, de esposas.

Esta ausência de individualidade a coloca em uma situação de total inferioridade ao homem, que ensina a ela, mulher, seu papel de esposa. O texto nos mostra não o lugar da mulher em relação ao homem, mas como o homem fabrica uma mulher a partir de sua visão do feminino. Xenofonte revela que é a mulher que deve ser ensinada para atingir a sua condição feminina, já Iscômaco é perfeitamente capaz de enumerar as tarefas masculinas que lhe são próprias.

Esta ausência de nome permite ao autor dar um tratamento geral a questão visando construir um modelo de mulher e esposa ideal para o cidadão ateniense do século IV. Diga-se, um modelo necessário ao bom funcionamento da cidade, como afirma Sócrates: “Mas julgo que, sendo boa companheira, para o bem uma mulher pesa tanto quanto o marido” (XENOFONTE; PRADO, 1999, p. 19)

Referências

ANDRADE, Marta Mega de. **A Cidade das Mulheres: Cidadania e Alteridade Feminina na Atenas Clássica**. Rio de Janeiro: Lhia, 2001

CHARTIER, Roger. **O Mundo como Representação**. 1991. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sci_arttext>. Acesso em: 08 abr. 2014.

DEMOSTHENES; MURRAY, A.T. (Org.). **Private Orations: XLI, XLIX**. London: Loeb Classical Library, 1939. 5 v.



DEMOSTHENES; MURRAY, A.T. (Org.). **Private Orations L-LVIII In Neaeram LIX.** London: Loeb Classical Library, 1939. 6 v.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres: A Antiguidade.** Porto: Edições Afrontamento, 1990. 1 v.

LEDUC, Claudine. Como dá-la em casamento?: a noiva no mundo grego (séculos IX-IV a.C.). In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres: A Antiguidade.** 470. ed. Porto: Afrontamento, 1990. p. 277-347.

LORAU, Nicole; LEVINE, Caroline (Org.). **The Children of Athena:** Athenian ideas about citizenship & the division between the sexes. New Jersey: Princeton University Press, 1994.

MOSSÉ, Claude. **Dicionário da Civilização Grega.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004

MOSSÉ, Claude. **La Mujer en la Grecia Clásica.** Madrid: Nerea, 1990.

SCHAPS, David. **Economic Rights of Women in Ancient Greece.** Edinburgh: Acls Humanities E-books, 2012. (Kindle Edition)

SILVA, Lisiana Lawson Terra da. **O Feminino na Obra "Econômico" de Xenofonte.** 2013. 50 f. TCC (Graduação) - Curso de História Bacharelado, Departamento de Instituto de Ciências Humanas e da Informação - Ichi, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2013.

XENOFONTE; PRADO, Anna Lia Amaral de Almeida (Org.). **Econômico.** 1ª São Paulo: Martins Fontes, 1999.